



Paulo César da Mota Pereira nasceu em Bögen, Alemanha, em 1972, e vive em Braga. Formou-se em Humanidades na Universidade Católica de Braga e é professor de Português no Agrupamento de Escolas de Lousada. Em Novembro de 2013, publicou o livro de contos “Lobo mau ataca a República dos três porquinhos”. O conto “F. Pessoa e Ofélia” obteve uma menção honrosa no 8º Concurso internacional de contos de Santa Rosa, Brasil. Em Fevereiro de 2015, ficou em 2º lugar, entre 357 concorrentes de todo o mundo, no concurso de crónicas da Academia de Literatura, Artes e Ciência do Brasil (ALACIB), com “A pista de tartan”. Em 2016, o conto “O Outono na vida” foi seleccionado para integrar uma antologia de contos sobre mitologia lançada no Brasil.

9 anos, 1 segredo, 2 eRRes,

(3... reflexões, contos, estórias...)

«Pois bem! Eu consegui variar a existência - mas variá-la quotidianamente. Eu não tenho só tudo quanto existe - percebe? - eu tenho também tudo quanto não existe. (Aliás, apenas o que não existe é belo.) Eu vivo horas que nunca ninguém viveu, horas feitas por mim, sentimentos criados por mim, voluptuosidades só minhas - e viajo em países longínquos, em nações misteriosas que existem para mim, não porque as descobrisse, mas porque as edifiquei.”

“A grande sombra”, Mário de Sá-Carneiro

9 anos

Prólogo

A decisão estava tomada há já muito tempo. Logo após a aparição de “Memorial do Convento” nas montras das livrarias, esta minha vontade de o fazer ainda não passava de um pensamento, não havia ainda ganho a dimensão de acção. Esta materialização ganha forma mental quando estudiosos se dedicam à análise da obra. Afigurava-se-me abundantemente injusto que se não levantasse sequer a questão, que ninguém duvidasse daquele fim, que ninguém nos seus comentários e análises literárias da obra sequer duvidasse dos acontecimentos finais. Tenho existido, ao longo dos anos, com a sensação de ter a verdade atravessada na minha garganta literária, melhor, não com a sensação, com a certeza de a ter espetada no esófago como se uma espinha de tubarão fosse, mas convicto de que o tempo a traria às páginas de um livro, ninguém fica preso para sempre e a verdade demora, mas sempre sai da prisão, nem que, por vezes, o não faça pelo pé do original portador, ela sempre sai à rua e se espalha no ar, chegando aos ouvidos dos que se iludiram com a mentira ou com a ausência consciente de nacos consideráveis da verdade, que a mentira para ser não precisa de ser antónimica, basta que a verdade não surja indivisível e esférica para já ser mais mentira do que verdade, para ser, na verdade, mentira, porque não há uma verdade que não seja completa, uma verdade de 90% é já mentira, a verdade só existe a 100%. Embora a

decisão da revelação tivesse já existência definitiva em mim, eu sempre soube que seria incapaz de a pôr em páginas enquanto o Criador agitasse a caneta na sua mão ou batesse nas teclas de um computador. Qualquer um me compreenderá, não podia, não conseguia, pensar pensava, mas agir não, não seria capaz de revelar o que O Que Me Criou não quis revelar, mas chegou a hora, já não terei de aguentar o possível embate que as minhas palavras teriam em Saramago, possível, pois até admito que Ele se não sentisse ofendido com o que vier a ser dito, nem em mim, que não sei qual a intensidade que um murro da sua desilusão se faria sentir na minha barriga narrativa, nem que dor intensa eu sentiria na sua dor, pois quem não sente as dores de seu pai não é bom filho, nem que sejamos nós os causadores da dor. Decidi esperar, tempo não me falta, sabia eu que por cá iria ficar muito depois do corpo do meu Criador. É claro que a sua alma, a sua memória e a obra que produziu perdurarão para além da matéria feita cinzas por acção de um fogo que nos lembra sempre que aquilo que somos não é mais do que aquilo que seremos, mas eu nunca me cruzei com almas nem confraternizo directamente com memórias, embora tenha muitas vezes de me reunir com elas por causa do trabalho. Saramago faleceu, data triste o 18 de Junho de 2008, e com ele foi-se a culpa de uma possível irritação que lhe alterasse a bonomia e o gáudio de existir que o abandono da idade não traz a quem sempre viveu de acordo com as suas ideias, nunca se furtando ao comentário nem à provocação. Começarei por dizer que em momento algum me poderão ver na rua, num “shopping”, num parque de estacionamento, num hipermercado. Movo-me sempre no mundo da ficção,

neste caso no mundo ficcional que o meu Criador me pôs a narrar. Eu sou o eu-narrador de Saramago do “Memorial do Convento”, escapei-me do livro (não desapareci, continuo lá, é só irem à vossa estante e folhearem o livro) para concretizar a revelação do que ficou por contar nas páginas finais do livro. É este o momento certo, foram anos e anos a ver Blimunda, página após página, edição após edição, procurando o seu Baltasar e recolhendo-lhe a vontade enquanto o seu corpo era consumido pelas labaredas do inferno humano. Aliás, esta minha incontinência narrativa é a grande prova da dissolubilidade escritor/narrador. Há quem ainda nos confunda, mas não somos o mesmo, embora haja semelhanças, já que um é criado e o outro Criador, tal como Deus é Criador e os homens são os seus criados, à sua imagem, mas diferentes, ainda nenhum ser humano conseguiu criar um mundo em seis dias, descansando ao sétimo, quando muito cada ser humano se tem esforçado em dar cabo do mundo em muitos dias e de forma consecutiva e só há-de descansar quando morrer ou a Terra implodir. A prova que nos associa e dissocia dou-a eu aqui, apesar de reconhecer que somos um projecto do escritor, mas não somos ele. Saramago, o meu Criador, perante a impossibilidade de me impedir de narrar o que se passou entre o desaparecimento de Baltasar e a sua descoberta por Blimunda no final, usou a sua autoridade criativa e obliterou a vida de Baltasar enquanto a pobre diaba ganhava calos nos pés e a pele se ia chegando aos ossos, afastada deles apenas pela espessura definhada das suas veias. Toda a gente sabe que eu tinha acesso a lugares, a tempo, a pensamentos, era omnisciente, mas com a particularidade de ser um omnisciente presente.

Sabeis que eu estive em muitos momentos e situações naquele tempo do reinado de D. João V, numa clara atitude de “voyeur” ou “mirone”, se preferirem o hispanismo ao galicismo, embora eu prefira o “voyeur”, parece-me o termo mais adequado ao que fazia, palavra de duplicidade de sentido: via, de “voire”, viajando e transportando-me (“voyage”) coberto pelo manto da invisibilidade que Saramago me vestiu, permitindo-me, também, a levitação, a suspensão do meu corpo inexistente pelas cordas da sua imaginação e que, de facto, por vezes, nos amarravam em pensamentos iguais, em vontades iguais, em atitudes contemplativas iguais, observando lado a lado a frieza da função sementeira de D. João V, parecendo as suas arremetidas facadas que um porqueiro dá ao animal grunhidor que se recusa a morrer, apesar da rainha parecer morta ainda antes de o rei levantar a faca entre as pernas, ou então observando as vontades incendiadas por um fogo comum, em Baltasar e Blimunda, o da paixão, chama, labareda um, brasa que se ruboriza mais o outro, situação desagradável para mim que não tinha nenhuma narradora para incendiar o ser ontológico, nem sequer Sebastiana de Jesus que, apesar da pouca ou discutível existência como narradora, estava longe e Saramago nunca me levou a Angola observar a mãe de Blimunda tentando os débeis servos do Senhor, qual diabo em figura de mulher, não me permitindo puxar-lhe o corpo de narradora para mim (a personagem não me interessava, era-me inacessível, não fazemos parte do mesmo elemento), continuando o padre a arder na luxúria de um inferno ateado pela fome de mulher que sentia, estranhamente ou não, um pouco mais abaixo do estômago (e por aqui se pode concluir que inferno e céu

são o mesmo). Confesso que a narradora de quem eu gostava de conhecer os encantos corporalmente narrados é a narradora de “O último minuto na vida de S.” do escritor Miguel Real. Uma sueca, loira, evoluída, sem pêlos nos sovacos, emancipada, feminina, a pele clara vestindo-lhe o corpo que eu desejava ver, a desenvoltura de uma mulher livre e independente, a beleza brilhante no arrojo dos seus actos, era esta a que vivia no desejo que agora vos conto. Vou entrar naquele livro, naquelas páginas e vou arrastá-la para um leito literário, penso que não será difícil, afinal eu sou o eu-narrador de um romance de José Saramago, o Nobel da literatura, e eu sei que ela gosta de homens cultos e que se interessam pelos livros e pela vida quando é vida, e ocupá-la-ei com beijos e contar-lhe-ei histórias que só eu sei e estou certo que a levarei comigo até ao quarto de D. João V e de D. Maria Ana de Áustria, onde, em cima da coberta da cama, agitaremos percevejos e chatos que estranharão o tremor de terra, eles que estão tão habituados a um tremor tão ligeiro duas noites por semana que quase adormecem, as marradas são rápidas e a única agitação no suadouro dos cobertores é dada pelo ir e vir do rei, nunca os corpos se rebolam nem lutam um com o outro. Desculpe-me a digressão, mas acontece, há narradores que vão desenrolando um novelo e nem se dão conta de que já deviam ter começado a tricotar há um bom fio atrás. Não se interrogará sobre o destino que Saramago deu a Baltasar depois de este levantar voo pela segunda vez, e dessa vez sozinho, a bordo da passarola? Não vos inquieta que Blimunda, depois de nove anos, recolha a vontade que lhe pertencia a ela e não ao Alto, sabendo que o seu homem não deu sinais de vida durante o tempo em que

os pés dela sangraram, em que a sujidade se colara ao seu corpo e sobretudo aos seus pés, confundindo-se essa crosta de côdeas com a crosta das feridas, em que o cabelo de Blimunda clareou e se tornou áspero como o tojo, em cujo rosto um sulco se abriu desde o canto dos olhos até ao canto dos lábios por acção de uma nascente que, do alto da montanha dos seus olhos, libertava uma ininterrupta água salgada que esbranquiçara uns lábios sumidos pela ausência de um outro? A mim, sim, e por isso decidi contar o que aconteceu de verdade. Como é óbvio, não vou fazer a transcrição do que Saramago me pôs a contar, isso seria abuso dos direitos de autor, mas como não há direitos do narrador, somos muito falados, mas pouco considerados quanto à nossa real existência, eu irei contar-vos o que lá esteve escrito, mas não “*ipsis verbis*”, não tenho esse direito e, mesmo que o tivesse, devo essa consideração e respeito ao Criador.

I

Baltasar afundou um pé numa tábuia apodrecida do convés da passarola, o seu gancho destapou as esferas de âmbar e o aparelho voador subiu outra vez, elevando-se no ar, subindo como um foguete. A surpresa assustada deu lugar a um corajoso medo, um par que faz heróis, par que fará de Baltasar um incógnito herói, já que ninguém se lembrará dele como um construtor do Convento de Mafra, pois, embora houvesse Baltasares entre os nomes dos que penaram nas obras, não consta nem parece credível que um maneta com um gancho na mão esquerda estivesse andando e trabalhando por lá, e, além do mais, Baltasar é uma criação ficcional, nem sequer é um “tipo”, não representa a inexistente classe dos manetas que perderam uma mão numa guerra que não lhes dizia respeito, é bem feito, quem mete a foice em seara alheia arrisca-se a vir de lá com um coto, cuja mão foi ceifada pela inoportunidade de uma intromissão. O que sucedeu foi que quem mandou os soldados para a Guerra da Sucessão ficou em casa a comer numa sala de jantar com mesa de madeira maciça e carnes em abundância no seu tampo, abundância de carnes que contrastava com escassez das carnes dos corpos dos soldados, que não só viam o corpo encolher até ao osso como ainda eram vistos a sumir para sempre do contacto humano ou então se viam a si próprios com menos uma perna, menos uma mão, sem nariz, sem orelha, sem um braço, às vezes sem dois braços, sem

duas pernas, sem um braço e sem uma perna, enfim, todas as combinações possíveis, enquanto os mandantes, pletóricos, viam os seus membros engrossar, a barriga a expandir-se como um universo em crescimento, a face tornar-se redonda como as balas dos canhões que rebentavam as cabeças de quem dava a cara pela ambição sucessória. É um facto, ninguém o celebrará como adjuvante da megalomania do rei D. João V nem nunca será lembrado como o herói da grande façanha cometida por ele, depois que a passarola levantou voo, levando a bordo, pela primeira vez, um navegador solitário que se encheu de coragem por causa do medo que sentiu e da morte que pressentiu, pois, sem Blimunda, o complemento do seu corpo, em tudo, tanto de dia como de noite, sem a magia de Blimunda não há amor que salva vidas e a morte parecia o futuro próximo provocado por uma tábua podre e um artificial gancho. É então que o medo faz nascer a coragem (que se pode perder quando a vida parece já perdida?) e Baltasar reage. O embaraço da primeira vez perde-se na segunda, ou parcialmente se perde, e Baltasar teve lembranças da primeira experiência e do que devia fazer para estabilizar a nave voadora. A velocidade era grande, dir-se-ia vertiginosa, dificultando a tarefa de manobrar a corda para estabilizar as velas, apesar do campo energético proporcionado pelas vontades que equilibrava o aparelho, o que conseguiu, amarrando-a depois para não se soltar. O início da tarde injecta sol abundante nas bolas de âmbar e nas vontades que ganham vida com energia solar, como nós a ganhamos quando, depois de um inverno escuro, de nuvens cinzentas manchando o céu, da queda precisa e compassada de aguaceiros persistentes que enchiam

rios e ribeiros, riachos e lagos, o sol nos tira de casa e nos convida a vir recebê-lo nas ruas, nos campos, de braços abertos e lábios estendidos e os olhos de pálpebras caídas olhando e vendo a bola de fogo que se imprimiu no cérebro e nos permitiuvê-lo sem corrermos o risco de nunca mais o vermos. A luz brilhante do calorífero astro alimentava a voracidade das vontades de luz e calor e projectava a passarola em direcção ao desconhecido, já estabilizada, voando, talvez, como uma avioneta voa agora, pouco segura, abanando um pouco, mas estável e confiante. O vento soprava com a intensidade com que se deve beber cerveja ou vinho, bebidas que muito proveito dariam a Baltasar naquela altura para aumentar a coragem feita de medo e, quem sabe, afastar definitivamente este último e ficar só a coragem que lhe permitiria ascender à categoria de herói, classificação atribuída aos que sentem a coragem sem passar pelas escadas iniciais do medo. Não quero que pensem que todo o herói é um borrachola, não, não é assim, a maioria daqueles que glorificamos não usa substâncias externas, não bebem vinho ou aguardente, antes se embriagam endogenamente, assimilando doses de adrenalina que lhes permitem voar da rasa cobardia até ao cume da coragem em milésimos de segundo. Escusado será dizer que, entre os heróis, a maioria deles alcançou o estatuto por um acto em vida que lhes trouxe a imortalidade depois da morte adrenalinada ou, muito raramente, embriagada. Baltasar, o nosso herói, tivera de percorrer as escadas da coragem, calcando-as todas, mas estava no topo, embora só lá mantivesse uma perna, a outra ainda pisava uma das escadas iniciais do primeiro patamar. Era um corajoso medroso, mas o que importa isso? Acaso seria menos corajoso que um

adrenalinado? Claro que não, seria até este medo que lhe daria a cautela para se manter entre os vivos, ao contrário de muitos que, estupidamente corajosos, são dominados pela euforia química e se espetam contra uma parede a alta velocidade, sentindo-se invencíveis e capazes de quebrar o obstáculo de granito à cabeçada. Era, pois, um vento moderado a forte que empurrava a passarola para a frente, seguindo uma direcção que diríamos ser nor-nordeste, ajuda preciosa deste Bóreas ou Zéfiro, qual deles seria não sei, suspeito que nenhum. Se algum nome o vento tivesse, seria Estala-corações: estalará o de Blimunda quando o tempo for correndo e do seu homem nem a ponta de um cabelo para ela tocar; a estalar está o de Baltasar, não porque se esteja a lembrar de Blimunda, Que será dela se eu não voltar? Que lhe acontecerá se eu morrer?, não, não são estes os seus pensamentos, quem pensa nos outros quando o próprio sente o peso da morte a vergá-lo e a deitá-lo ao chão, o local da porta de entrada no pós-vida? Baltasar pensa em si, Que será de mim? Aonde irei parar? Será que o aparelho se aguenta? Não morrerei queimado pelo sol à medida que vamos subindo? Que vai ser de mim?, grita um medroso Baltasar, palavras só escutadas por si, a quem o medo tomou o lugar da coragem, trocaram, ajudado aquele por pensamentos nesta luta nervosa que quase lhe rebentava o coração taquicardíaco que só abrandou após a constatação por Baltasar da constância da velocidade e do desaparecimento da turbulência. Nada melhor que um bom pensamento para afastar um mau pensamento, verdade “lapalicana” imortalizada pelo “zombie” Cavaco a propósito da moeda. Agora, sim, Baltasar estava mais calmo, sentou-se no convés, viu as velas serem peito de galinhas enfunadas, não viu nuvens

no céu azul, tão perto, tão perto que esticou a sua mão direita para lhe tocar, sendo ele o tocado, não o tocador, pelo vento de que aqui já falei, o Vento Estala-corações, vento mutante, agora era o Vento Arrasta-corações, arrastando o de Baltasar para longe da sua amada Blimunda, cujo coração a iria arrastar para o abismo do desespero, Que é de Baltasar? Que é feito do meu homem, do meu amor? Onde estás tu, Baltasar? Encontrar-te-ei nem que seja no fim do mundo, da solidão, da tristeza de uma separação não prevista, não desejada, não esperada, vento que a arrastaria a si e ao seu coração amputado por todos os caminhos de Portugal e além-fronteiras durante nove anos. Pobre coitada, cujo coração chorava mais do que os seus olhos. Terá sido cansaço, terá sido um desmaio, a verdade é que Baltasar está estendido no chão da passarola, valendo-lhe a placidez da inesperada viagem que se fez sem os sobressaltos dos poços de ar, rota que muita inveja faria às companhias aéreas do século XXI. Do desmaio ou do torpor despertou Baltasar e agarrando-se à amurada levantou a cabeça e olhou para baixo. Água, só água! Olhou para cima e viu o azul a desbotar pela fraqueza de um sol que já iniciara o movimento de aterragem no poente. Levantou-se de imediato. As velas continuavam bem infladas pelo vento, mas o movimento da passarola de Baltasar era o mesmo da biga de Apolo. Se o carro do sol decrescia no ar e o sol se deitava, Baltasar e a passarola se deitariam, era Baltasar uma espécie de deus, para ser como Apolo só lhe faltava meter o sol na nave e transportá-lo para o outro lado do mundo. Era inevitável que o medo voltasse a encher o peito de Baltasar, que as suas pernas fossem varas verdes, que os seus braços se agitassem, sabendo

que têm de fazer algo e não sabendo o que devem fazer. O combustível estava a despedir-se do firmamento e este bem podia ser o momento da ascensão de Baltasar aos céus. A velocidade começara a diminuir. Baltasar voltou a espreitar para baixo. Ao longe, um ponto negro no azul do mar. O coração de Baltasar agitou-se. Seria terra? A passarola avançava a bom ritmo e o nosso herói estava prestes a tornar-se mais uma vez herói desconhecido. Todos celebram Louis Blériot como o primeiro a atravessar o Canal da Mancha por ar, ignorando a história mais este facto, o de ter sido Baltasar o primeiro a fazê-lo. Se fosse um burguês e tivesse cobertura mediática, a História já lhe teria reservado um lugar numa página de um compêndio e o seu nome estaria para sempre perpetuado na carlinga de um avião ou gravado numa pedra de mármore e aparafusado à parede da sala de entrada de um edifício público. Mas não, Baltasar era um mutilado, ex-soldado, um plebeu ignorado, como todos os outros, com raras excepções, e só quando o feito destes auxiliou reis e nobreza, como a Padeira de Aljubarrota ou a Maria da Fonte, ainda assim ignoradas como Brites de Almeida uma e proveniente de Font'Arcada, na Póvoa de Lanhoso, outra. Para ser totalmente correcto, não sei se Baltasar o conseguiu mesmo, mas tenho firme crença de que deveria ser considerado o primeiro. Efectivamente, aquele ponto ao longe que ele avista e a quem custa crer ser real, Será, será? Não acredito, mas... mas é... , pensava Baltasar, homem que apenas confiava nos seus pés para confirmar a realidade do que via, não era a ilha da Grã-Bretanha, era somente uma pequena ilha no sul, a ilha de Wight. A passarola engolia a distância em pequenas quantidades, a terra aproximou-se pela

sensação que Baltasar tinha, já há um pouco, de estar parado no ar. À proa do navio, viu a costa e sentiu um sol frio percorrer-lhe o rosto e os braços, como se fosse uma carícia de despedida, Já vou, Baltasar. Volto amanhã. Dorme bem!, Dormir? Quem sabe, pensava ele, durmo para não mais acordar. Estava apreensivo, o vento ainda empurrava a nave para a frente, a terra estava ali ao pé, mas o sol estava de partida, pouco mais do que uns fiozinhos eram enviados de lá, do fim do mundo, onde o mar acaba e tudo começa a cair em cascata, e um outro medo, além do de cair ao mar e ser engolido por um monstro marinho desconhecido, apressava o seu coração. À sua frente, a terra já se distinguia bem, a mancha escura que ao longe se avistava era agora o verde-escuro das árvores, mas, antes de lá chegar, avista quatro dentes saídos do mar, gigantes, talvez restos de um ancestral monstro marinho parente daquele que Baltasar imaginava à sua espera nas águas frias que banhavam aquela ilhota. Esses quatro dentes ficaram conhecidos como “The Needles”, por influência do único dente que não parecia dente. Um verdadeiro contra-senso! Então, aquele conjunto de formações rochosas eram apelidadas de “agulhas” por um processo de generalização popular que, uma vez mais, privilegia a minoria apenas por ser diferente da maioria e por esse dente ostentar uma beleza que o distingua da vulgaridade numerosa dos outros. Ah, povo ignaro, enquanto desejares sair da maioria para te juntares à minoria, haverá sempre uma individual minoria com muito e uma colectiva maioria com pouco. Curiosidade se poderá suscitar no facto de as “agulhas” já não existirem. Podem lá ir se não acreditarem no que eu vi. Em 1764, uma tempestade

marítima arrasou com as “Needles”, mas, insensatamente, o nome perdurou para além da existência, continuando a chamar-se ao que não é o que apenas um quarto foi. Eu, cá por mim, chamar-lhes-ia, agora, “Molars”, epíteto mais adequado ao que figuram. Estávamos em 1730 e a grande tempestade demoraria mais trinta e quatro anos a chegar. Ah, se Baltasar soubesse que ela chegaria, como haveria ele de pedir que chegasse mais cedo a esse encontro, porém, mesmo que o soubesse e pudesse fazer, de nada adiantaria o seu pedido, a tempestade não tem sexo, mas é feminina, portanto, nem a tempo, quanto mais adiantada! Baltasar sente a passarola a afundar e vê a formação rochosa à sua frente e não são agulhas, o que vê são espadas enormes levantadas prontas a furar o ventre da sua nave e, se a sorte o abandonar, furar o seu também. Não sabe o que fazer, o sol estava no fim e uma fina nuvem de névoa não permitia mais do que uns fios de seda solar. Precisava Baltasar de subir um pouco mais para não chocar com as “Needles”, mas como fazê-lo? Não tinha Blimunda para se agarrar às esferas de âmbar e ele sozinho não conseguia abraçar mais do que uma. Uma súbita luz mental iluminou-o, que a de fora já pouco dava, e, num assomo repentino de instinto de sobrevivência, Baltasar sobe para a calha de madeira do barco voador, coloca os dois pés descalços em cima de duas das bolas, abre a boca e recebe o último raio de sol no seu corpo que o transporta até às esferas que se iluminam ligeiramente e elevam a nave o suficiente para não tornarem inútil ou menorizarem a tormenta de 1764.

II

As pálpebras de Baltasar agitam-se, tremem, duas mãos minúsculas e invisíveis puxam uma para norte, outra para sul, despertando-o com uma mensagem de lugar, um tecto em madeira, uma parede branca, da cor da cal e do rosto do ignoto herói deitado, uma janela aberta, nuvens de rabo de coelho inferiorizando o astro-rei. A cabeça rodou para o outro lado e os olhos semi-abertos viram-na. Tinha cabelo de metal precioso, pouco brilhando na claridade negada pelo pardo do céu, dos olhos a cor balançava entre o cinzento e o azul, escuros sem luz, claros com ela, parecia-lhe alta, talvez não fosse, ele estava deitado, de baixo tudo parece grande, mas, de facto, era, pelo menos mais do que as morenas de Portugal que estava habituado a ver, porque a conhecer só sabemos de uma, Blimunda de seu nome. Um bracinho fino veio pôr-lhe um pano embebido em água fria e vinagre na testa, prenúncio da delgadez do corpo, finura de carnes que muito agradava a Baltasar. Nesse instante, deu-se conta de que já entrara na morada eterna de Deus e que aquela ali só podia ser a recompensa do Senhor, era ela, a inglesa que vira, uma das desembarcadas em Lisboa, a que ele encomendara a S. Bento, mandando rezar-lhe umas missas para que lhe concedesse a graça de, pelo menos uma vez, se deitar com uma daquelas mulheres diferentes que lhe alteravam o corpo e o punham a sonhar, em tons dourados lascivos, com banhos em

águaas brancas de epiderme humana perfumada de putas. As duas mãos lívidas de dedos como gravetos retiraram o pano da testa, torceram-no até ficar húmido, embeberam-no e levaram-no à fronte quente do enfermo em reabilitação. Não, depois do desafio à Igreja, da participação nas heresias produzidas e ditas pelo Padre Bartolomeu, Deus dar-lhe-ia uma mulher preta como um carvão, dentes podres com hálito a gatos mortos, as carnes do corpo escorregando em postas como se de uma leprosa se tratasse, os vermes que saíam do corpo subiriam pelo seu e devorá-lo-iam até só ficar o osso do esqueleto e o ferro do gancho. Dupla sorte, repensou ele, ali, maltratado, apercebendo-se do seu real estado: nem morto, só podia estar vivo, nem preta carvoeira leprosa, antes pelo contrário, loira delgada de pele branca e olhos azuis.

- Onde estou? - indagou o enfermo, com o azul dos olhos dela dentro dos seus.

- Estás em minha casa. - respondeu ela, mostrando o branco da dentição entre os movimentos da boca.

- Quem és tu?

- Sou Elizabeth, senhor.

- A minha nave... onde está? - e um braço levantou-se.

- Quereis dizer aquele pássaro gigante de madeira?

- A passarola... sim... onde está?

- Lá fora, senhor. Está lá fora.

- Tenho devê-la... - agitou-se debalde Baltasar, as pernas não responderam, só dores intensas.

Entre gritos, levou a mão direita à perna direita e sentiu uma tala de madeira.

- Não vos preocupeis! Não está partida, mas tem de estar imobilizada, senhor.

- Mas eu tenho de regressar... Blimunda está à minha espera. - com um esgar de dor que lhe deformava o rosto.

- Descansai, senhor. - e segurando-lhe a cabeça, verteu para a sua boca um líquido fumegante até ele descer as pálpebras e encostar a cabeça ao travesseiro.

Estará, provavelmente, indignado com este diálogo mantido entre um português e uma inglesa na nossa língua. Não me espanta que em tal estado se encontre, pode não ser indignação, talvez admiração incrédula, uma surpresa que confunde e estará agora a dizer em voz alta, irritado: "Mas o que é isto? O que se passa aqui? Já não basta querer que acreditemos que é o narrador de Saramago fugido do "Memorial do Convento" ainda quer que aceitemos a verdade do diálogo mantido entre estes dois?" Muito bem, admito e comprehendo a perplexidade. A primeira dúvida de garras afiadas que vos esgravata o cérebro como a galinha faz na terra tem a ver com a confirmação do local onde se encontra Baltasar. Afinal, não estava ele prestes a despenhar-se na ilha de Wight? Estava, sim, e assim aconteceu. Se lá caiu, como pode estar ele a falar com uma habitante dessa ilha? Será preciso uma exagerada dose intravenosa de ingenuidade para acreditar que nessa minúscula ilha vivia uma portuguesa com nome inglês, ou uma inglesa que falava português e, sorte das sortes, Baltasar despenhou-se na sua propriedade. Aceito a dúvida. Respondo com a verdade: era inglesa e falava português. Mas como quer o Sr. eu-narrador de Saramago que acreditemos que essa mulher falava português? É que ninguém imagina Baltasar a

dizer “Where am I?” ou “What’s your name?” Nunca Baltasar falou na língua dos bifes. Naquela altura, ainda se não tinha tornado obrigatório o ensino do inglês a partir da primária, mas, se tivesse, também nada teria ele aprendido, pois, nesse tempo, nem primária nem ensino obrigatório, só enxada e calos nas mãos, obrigatório era trabalhar para sobreviver e a aprendizagem fazia-se vivendo. Eis a verdade: esta inglesa falava português.

III

Esta mulher loira, de seu nome igual ao da rainha da Grã-Bretanha do presente, erradamente tratada por rainha Isabel, como alguns órgãos de comunicação insistem em fazer, que não é rainha como aquela que nada fez para o merecer, pois que ser parida de rainha não deveria fazer do neófito rainha ou rei, assim como um parido ou uma parida de uma pobre não deveria estar condenado à pobreza, era só Elizabeth, não havia nada que traduzir para Isabel, nem ela se lembraria de dizer que tinha outro nome. Elizabeth era o seu, como o de Gladstone, que não era “Pedralegre”, como o dos Rolling Stones, que nunca, em Portugal, foram os “Pedras rolantes”, ou ainda Margaret Thatcher, que nunca ninguém traduziu para o seu verdadeiro e correspondente significado em português: “Margarida Chostra ferrugenta que introduziu o neoliberalismo e a precariedade na Europa”. Elizabeth vivia ali, numa casa de madeira, isolada do mundo, rodeada por água a minúscula ilha de Wight, ilha a sua casa rodeada por árvores por todos os lados. Fora como que auto-exilada para esta ilha do sul, depois de perseguida e ameaçada de morte devido a práticas consideradas diabólicas e inspiradas pelo ser de rosto preto, olhos vermelhos e forquilha tridente na mão direita. Elizabeth era médium, ou bruxa no vulgar vozear do povo, e desde cedo, ainda criança era, sentira a presença de seres espirituais que com ela tentavam comunicar. O susto inicial, o medo de

que esses seres fantasmáticos fossem da realidade e não do sonho, começou a dissipar-se com a adolescência à medida que essas vozes passaram a comunicar e não só a incomodar o dia-a-dia de quem as ouvia em vários momentos. Em Carlisle, norte de Inglaterra, o poder de Elizabeth espalhou-se como uma novidade sedutora e começaram as gentes de várias partes da grande ilha a bater à porta da casa dos pais dela, depois de familiares e vizinhos terem já pedido que falasse ela com os entes queridos que partiram. Ela era uma rapariga delicada, alma sensível e natureza caridosa e nunca negou o contacto com esses seres que vagueavam pelo limbo do pós-vida. Eram vários os motivos que levavam gente comum e alguns abastados até ela.

Ryan Gould, agricultor, cara comida pelo sol e pelo vento feroz que batia e lhe arrancara os cabelos centrais da cabeça, vinha de olhos húmidos e finas veias serpenteando pelo branco dos olhos pedir-lhe para falar com Jane Eyre, sua mulher, falecida há um mês em Nottingham.

O transe era rápido. Elizabeth retesava o corpo, descia as pálpebras pelos olhos, lançava as pupilas para trás e, breves instantes depois, ao abrir os olhos, a alma da falecida estava no seu corpo.

- Diga-lhe que me perdoe, que a amo, que estou tão triste e só.

Elizabeth falou:

- Que vás para a puta que te pariu! Vai para o inferno! Amaldiçoo-te para a eternidade e hás-de sentir as mãos de um nosso filho apertar-te o pescoço durante a noite como tu me fizeste.

- Eu estava bêbedo, Jane! Perdoa-me!

- Não te preocipes. Esse nosso filho também estará bêbado e será a chorar e a gritar pela mãe que te aprisionará o pescoço até que o teu último suspiro te lance a alma para o inferno.

- Não, Jane, não! Perdoa-me!

No momento seguinte, Ryan atacou o pescoço de Elizabeth, levando o pai e o irmão a perceberem que nunca ela poderia estar sozinha. Enquanto Ryan gritava e era arrastado para fora de casa, Jane disse-lhe:

- Deixa-te morrer que aqui em cima todos têm perdão e eu te perdoarei.

Se morreu como Jane previu, morreu. Se, lá no alto, obteve perdão, isso já não sei.

Dawn Curly, quarenta e dois anos, pequena burguesa, vestido cinzento, corpete cingido, mamas transbordando de aperto, cabelo loiro e olhos azuis. Richard Curly, seu marido, morrera há três anos, vitimado, suspeita-se, pela obesidade que lhe fora aumentando o volume corporal e, também, embora invisível aos olhos, pela massa amarela que envolve os órgãos internos e por esse ainda não famoso colesterol que se agarra às paredes das veias e as entope. Suspeita-se de AVC, sem INEM, fulminante. Dawn chorara a sua morte e honrara a sua alma, mas queria pedir-lhe permissão para seguir uma vida com companhia e para ceder aos avanços de Gilliam Adams, nobre viúvo de cinquenta e três anos, a quem a falta de mulher honrada para prazeres voluptuosos fazia a desonra da sua família.

Elizabeth falou com voz de homem:

- Que me importa que durmas com outro? Burra foste tu em não teres arranjado um criado para te dar o

que eu não te dei na cama, para te abanar as nádegas do cu com as suas palmadas, porque o meu prazer, como sabes, estava em comer. Se ainda ao menos fosses mais gordinha...

- Ó meu amor, então não te opões?

- Se te queres sujeitar às torpes práticas desse crápula do Gilliam Adams, casa-te que eu não me incomodo.

- Obrigada meu amor, obrigada!

O que se sabe é que Dawn casou e que suspirava pelos cantos da mansão, desejando que o marido gostasse mais da comida e que, à noite, os lençóis fossem um soporífero que arrastassem o corpo do novo marido para um sono profundo e não um despertador que inflamava os desejos dele e gelava os seus, imobilizando-a até que o cuspidor bruto terminasse.

Patrick Raferty e Jenna Raferty eram campónios que viviam da terra e dos animais. Pat, por todos assim era tratado, tinha calos em vez de dedos nas mãos, o rosto sarapintado de castanho de tons variados por entre a alvura facial, os olhos grandes pintados de cinzento britânico, os lábios de cor sumida e gretas a cuja superfície brotavam umas linhas verticais de encarnado que pareciam aprisionar-lhe os lábios numa cela de sangue. O crepe alvo de Jenna escurecia-lhe o rosto salpicado como o do marido e mal permitia um vislumbre do seu pequeno nariz branco com uma pinta castanha na ponta. Pat, o filho, seis anos, vinha no colo da mãe, o queixo deitado no ombro, os braços à volta do pescoço, o olhar estagnado deitado ao chão. Elizabeth pôs a mão no cabelo loiro de Pat, o filho, e logo de

seguida começou a falar uma língua estranha, uma língua aparentada do latim, romeno:

- Nos, diavolul! Lasă acest organism! Ieș!

Durante uns minutos, a mão de Elizabeth entesara-se como uma aranha e os seus dedos, como patas, deslizavam pela cabeça loira de Pat.

A criança desapertou o nó que quase sufocava a mãe, deixou-se deslizar pelo corpo dela e, de pés assentes no chão, virou os olhos brilhantes, outrora baços como o nevoeiro da ilha, e mexeu os lábios que enrubesциam:

- Mãe! - e apertou as pernas de Jenna.

Pai e mãe agacharam-se e abraçaram-no, deram-lhe beijos no rosto, um de cada lado, o braço esquerdo à volta do pescoço de Patrick, o pai, o direito à volta do da mãe, de Jenna, que chorava como o pai, enquanto Pat dizia: "Pai!", "Mãe!".

As práticas de Elizabeth eram generosas, comprometidas com o bem, procurando o poder curativo das suas acções a paz a e felicidade que outras formas de cura não conseguiam proporcionar. Em Carlisle, a inveja é grande, como em todos os lados onde há gente, e o bem, quando se pratica, tem sempre um inimigo desejoso de o abafar, ocultando-se em roupas coloridas e brilhantes, impecavelmente tratadas. Houve rumores que se desenvolveram e que chegaram a ser som perceptível a vários quilómetros de distância até trazerem gente bem vestida e também andrajosos, pela noite, com archotes na mão e com a vontade de espetar a cabeça de Elizabeth num toco afiado de madeira. Quem não acredita no que não comprehende tende a atribuir ao incompreensível as culpas de um mal que a

todos aflige e que nem sempre se remedeia, não se pode salvar um nado-quase morto sem médicos especialistas nem ecografias, não se pode impedir a morte de uma mãe por pré-eclampsia, não se pode impedir que o marido espete uma forquilha na garganta da mulher só porque ela não levantou imediatamente as saias quando ele ordenou, impedido que foi esse gesto obediente por uma dor que lhe abalou o corpo e por um sabor a nojo que lhe veio até à entrada da garganta e a impediu de respirar por dez segundos, não se pode impedir que as chuvas diluviais apareçam para lembrar Noé e devastar não os homens e os animais quase todos, mas quase todas as plantações e o sustento de famílias, não se podia impedir que a fome atingisse a magreza dos pobres e que as peles substituíssem os músculos que desapareciam nas formas do corpo, não se podia impedir a mordedura da carraça nem que a febre queimasse a vida de plebeus, muitos, e de nobres, poucos, mas impotentes ainda para apagar esse fogo fatal, por vezes. "A bruxa, a bruxa! A culpa era da bruxa!" Quem mais atrairia a ira do senhor a gente tão devota senão Elizabeth, que fazia o que só Deus poderia fazer, embora nunca o tivessem visto fazer coisa alguma, e ainda para mais mulher? O fogo veio nas mãos de muitos, entre eles um porqueiro que pedira ajuda a Elizabeth por causa de um fogo persistente que lhe queimava a barriga, lhe abrasava a cabeça e lhe injectava sangue do meio das pernas e o punha pronto e sempre desejoso de explodir dentro de uma mulher. A esse porqueiro aumentou Elizabeth o lume do corpo, abrasou-o ainda mais, o sexo pô-lo como o pescoço de uma galinha morta depois de todo o sangue escorrer para uma malga fanada de barro, e os testículos fê-los

inchar como uma bola de trapos submersa na água. Queria vingança este porqueiro potente de vontade, impotente de corpo, mas vingança de quê? De tentar agarrar Elizabeth pela cinta, de ter posto a mão direita no meio das pernas dela e a esquerda a passear-lhe pelo tronco, desde a mama esquerda até à direita? Ah, porqueiro imbecil, como imbecis são todos os que ali estavam, pedindo sangue, a cabeça de Elizabeth, por serem ignorantes e estúpidos, por terem no cérebro a vontade e a razão dos animais. Pai, Gregor Bale, mãe, Tilda Bale, filhos mais novos, Ned e Noah Bale, catorze e dezasseis anos, saíram. À porta ficaram, olhando a boçalidade de frente, o ódio ignóbil a faiscar nos olhos inflamados por um sentimento contagiante de multidão que transmitia este azedume a todos os habitantes como se fosse um vírus que se propaga como uma epidemia e se respira até se alojar como um pensamento intrusivo que nos leva a juntarmo-nos à manada sem, por vezes, percebermos bem porque o fazemos.

- Tragam a bruxa! - gritou um.
- Vamos queimar a cabra! - zurrou outro.
- Queremos Elizabeth! - rugiu mais um.
- Tragam-na ou morrem também! - disse um de alma negra, casaco negro com gola branca, camisa de folhos brancos, calção negro, meia branca, sapatos de fivela e uma peruca că.

Este último chegou-se a eles e encarou o pai. Pai, mãe e irmãos mantinham os rostos fechados, as comissuras dos lábios seladas, os olhos húmidos, vidrados, segurando lágrimas que não tinham vindo à superfície para rolarem pela montanha acidentada da cara abaixo.

- Entraí... - deu ordem o pai e cedeu passagem.

Parecia uma largada de touros furiosos, os cascos empurrando os corpos para a frente, os focinhos cheirando o interior, os cornos remexendo todos os cantos da casa. Logo de seguida, como lobos famintos, começaram a uivar e a correr em direcção à floresta à procura do alimento que lhes saciaria a fome que existia em forma de um buraco aberto nos seus corações e que se encheria com o sangue de Elizabeth quando este lhe começasse a sair por todos os buracos e poros do corpo esmurrado, cortado e violentado.

IV

Não há rumor que percorra grandes distâncias sem que a intuição de Elizabeth o ouça. Depois da intuição, o som chegou mesmo pela voz de Noah. Há dois dias, Elizabeth partira. Durante noventa dias percorreu os caminhos para o sul, queria fugir da ilha, quem sabe no sul não haveria mais sol e as trevas não se sentiriam tanto. Foi um caminho de dor, de muita fome, almas bondosas e pobres partilharam côdeas, o pouco queijo e a pouca carne de que dispunham. Chegou ao fim do sul da ilha. Queria sair dali. Atravessar para França não. Viu as “Needles”. Queria ir para ali, para aquela terra, para aquela ilha de pouca gente, ali nunca haveria noite e ninguém quereria acender archotes ou fazer fogueiras.

Em Portsmouth, tratou Elizabeth de procurar uma embarcação que a levasse para perto das “Needles”, para essa ilha que se vê do “Porto da Boca”, Wight. Naquele local de pescadores, um velho de barba e cabelo cinzentos que lhe envolviam o ovo do rosto faria a travessia em troca de algo que Elizabeth possuía. Já muitos estarão a pensar que o velhote desejava como pagamento fazer balançar o seu pequeno barco enquanto ela molhava as nádegas na água do mar que sempre entra nestas embarcações e o seu corpo se esticava por cima do dela. Puro engano, não que o velhote não pensasse neste belo cenário, afinal Elizabeth era uma mulher jovem, os seus vinte e poucos anos e a

pele clara de maçãs vermelhas no rosto ofereciam uma relativa beleza inglesa a esta mulher, mas o velho Walcott ainda gostava da sua mulher e achava que aquela era carne que não servia para os seus dentes, se dentes tivesse, que já não os tinha, agora comia com as gengivas, não era a mesma coisa, a mulher não se queixava, e, depois, o peixe nunca fora um bife duro nem apresentava nervos e fibroses. Não partiu ela sem dinheiro, as poupanças eram curtas, nada pedia pelos favores que fazia, mas todas as pessoas a recompensavam pelas falas com seres que, neste mundo, falavam de outro mundo como se ainda a este pertencessem e não houvessem partido para não mais regressarem. Deu-lhe umas moedas. Chegaram a Ryde três horas depois, deslizando sob as águas do Atlântico, mansas por influência de uma lua cheia que trouxera a baixa-mar. Numa ilha com tão poucos habitantes, não foi difícil comprar uma cabana no meio do bosque e aí se estabeleceu, fugindo do ajuntamento de Ryde ou de Fishbourne, ajuntamento esse que fazia o percurso contrário, visitando-a sempre que os corpos padeciam e a notícia de que ela curava maleitas fora entrando pelas orelhas da população e se alojara inteligivelmente na compreensão de gente simples. Deixou Elizabeth de exercer os seus poderes extraordinários? Não, não deixou, apenas os mascarou com unguentos e ervas que, de facto, muitas vezes actuavam sozinhos, mas, quando a erva não chegava, entrava o seu poder, sempre disfarçado de medicina tradicional e eficaz, pedindo sempre ela que não levassem a sua medicina para lá da ilha sempre que a Portsmouth aportavam, que a deixassem ficar só, por ali, em Wight, onde a estimavam e nunca invejavam, presenteando-a com melhoramentos

na cabana e ensinamentos de cultivo, nunca lhe faltando com peixe, carne e outros alimentos, que dinheiro ela nunca quis e nunca pensou em usar o que ainda tinha, a viagem que fizera era só de ida, a volta dera-a ela à sua vida e agora estava feliz e em paz, fazendo o bem e não sentindo que o mal lho pudesse estragar.

V

Não foi por resposta de uma prece de Elizabeth, porque ela nunca tal pedira em oração, que um homem lhe caiu do céu a bordo de um pássaro gigante. Nem homem, nem pássaro gigante de madeira, nem queda aérea alguma vez ela pedira. Apesar de alguns mancebos lhe terem visto o rosto e desejado o corpo desnudado e não-visto por cobertura de roupa simples que sempre usava, Elizabeth e a sua figura enigmática não impediam o receio inconsciente destes raros homens, afastados pela sensação de ser uma mulher diferente, talvez perigosa, de poucas falas, de nenhuma amizade, mas muito respeitada, no seu ofício e na sua privacidade. Já nesse tempo, os homens não gostavam de se meterem em perigos femininos, mais valia a estabilidade da mulher casadoira do que o frémito aventureiro da relação com a mulher forte, determinada e misteriosa que secundariza o homem. Ali, naquela terra, naquela ilha extrema do sul, a tristeza não chega à cabana de Elizabeth, a solidão ronda, mas não entra em casa, falta de homem não sente, também nunca teve nenhum. Se calhar a falta se não sente porque nenhum até hoje lhe provocou o que ela já provocou em alguns homens, sobretudo em jovens, que à maioria dos mais velhos só provocava erecções mentais nem sempre acompanhadas pelas físicas, que é evidente que o corpo não responde como respondeu, mas a mente ainda se desperta e levanta perante visões reais de mulheres atraentes.

Quem foi, então, que enviou Baltasar para ilha de Wight? O acaso, diria eu. Outros dirão “Foi a passarola!”, outros “Uma tábua podre!”, mais opiniões, “Uma tábua podre e um gancho.”, “As vontades recolhidas por Blimunda!”, “Foi o vento.”, “Foi o padre Bartolomeu. Sem ele, a passarola ainda estaria no papel.”, “Foram Blimunda e Baltasar. Sem eles, nada feito!”. Eu continuo a insistir: todas estas possibilidades unidas formam um conjunto de acontecimentos a que se chama acaso. Se continuarmos com as hipóteses, alguns ainda dirão que foi Deus, que criou Adão e este criou Eva, outros que o responsável por tudo o que acontece desde o princípio do mundo foi Adão que comeu a maçã, outros que foi a Eva que tentou Adão, ou a cobra, o que é um disparate. As cobras não falam, “mas naquele tempo falavam!”. Falavam o quê? Era uma cobra e a menos que ela tivesse boca, dentes, palato, língua e respirasse como nós, ou seja, um aparelho fonador, nunca poderia ter falado para ela. Revelação: afinal, Eva era a cobra. Melhor: Eva foi a cobra! Paremos com as considerações: foi o acaso e ponto final. Não, na verdade, não foi o acaso porque há uma explicação para este acaso. Chamemos-lhe acaso condicionado, acaso inevitável, acaso kármico, acaso cosmicamente atractivo.

Já Baltasar se recompusera. As compressas na testa, os poderes de Elizabeth e as suas ervas, os seus caldos e os seus mimos tiraram Baltasar do caminho que conduz a outro mundo, e aqui está ele, de corpo e alma, continuando a faltar-lhe a mão esquerda, mas essa nem os cuidados de Elizabeth ressuscitariam ou fariam crescer como o rabo de uma lagartixa amputado. Se Baltasar ainda vivesse centenas de anos, algo que sabemos nós não irá acontecer, uma mão biónica lhe podia vir a ser implantada no futuro. Se já se implantam cabelos em carecas, esperamos que não tardem as mãos em manetas e as pernas em pernetas. E quanto a esta questão de Elizabeth falar uma língua que não a materna, o que posso acrescentar é que está mais do que provado que Elizabeth não é uma mulher vulgar. Se ela entende a linguagem dos que já cá não estão, como é possível suspeitar-se que não entende qualquer língua de vivos? Elizabeth entendia e falava português, como entendia e falava espanhol, mandarim, árabe e, se fosse preciso, o açoriano e o escocês. Aos crentes que ainda duvidam lembrem-se daquelas línguas de fogo que caíram sobre os apóstolos dias depois de Jesus Cristo subir ao Céu e os encheram do espírito santo; aos outros aconselho xenoglossia, não é um suplemento nem um medicamento de toma oral, é só uma palavra de toma cerebral, de significado revelador que acaba com o ceticismo de quem não sabe nem tem que saber.

Pela primeira vez se sentou à mesa. Um caldo quente, um pouco de carne e pão esperavam por ele. Havia neblina nos seus olhos, as tonturas ainda lhe turvavam o discernimento. À sua frente, no lado oposto da mesa, via agora melhor esta mulher que o amparara neste breve caminho da cama à mesa. Uma brisa leve abanou as cortinas da janela aberta e passou à frente dos seus olhos, afastando o nevoeiro que por lá acampou e permitindo-lhe ver o rosto dela. Abriu mais os olhos e pôs a colher na malga da sopa e, sem ter pensado nisso, disse para si: "Eu conheço esta mulher. Ela está aqui na minha cabeça." O pensamento não evoluiu, deu primazia à fala, que lhe não permitia divagações extraordinárias, ordinária e urgente era a repetição da pergunta já feita.

- Onde estou?

- Estás onde deves estar. Se assim não fosse, aqui não estarias.

- Como se chama este sítio?

- Wight, ilha de Wight, ao largo de La Riche, o porto.

- E Blimunda, onde está Blimunda? - com a voz fraca e arregalando os olhos, a colher na sopa.

- Quem é essa Blimunda? - indagou ela, mexendo com a sua colher a sopa que fumegava na malga.

- Blimunda? A minha mulher, a minha companheira. Onde está? Sabe onde está?

- Não sei, aqui ninguém saberá. Só sei que aqui não está e que tu, provavelmente, nunca mais a verás.

Esta mulher tem poderes, mas não é adivinha nem vidente, não prevê o futuro. Neste caso, podemos dizer que temos nós mais poderes do que esta

extraordinária mulher que cura males da alma e do corpo, que fala com seres idos e é capaz de articular conversas numa língua que nunca ninguém lhe ensinou. Não se ponha porém já o leitor a pensar em erguer uma tendinha de cartomante numa qualquer dessas feiras medievais que surgem como cogumelos por todo o país e ganhar uns trocos a adivinhar o futuro de seres insatisfeitos e inseguros que querem antecipar o que só a vida revela. Desista dessa ideia. Se alguma coisa sabe do futuro, a si não o deve, deve-o a mim e ao Criador que me fez voz.

Levou um pedaço de pão grosseiramente cortado à boca. Mastigou um pouco, falou:

- Que quereis dizer com isso?
- Sabeis agora onde estais?
- Dissestes "Uaite". Nunca ouvi falar. Estamos

perto de Lisboa?

- Tão perto que para lá chegardes teríeis de nadar várias milhas e andar incontáveis léguas.

A debilidade física de Baltasar não lhe permitiu uma reacção enérgica.

- Onde estamos? - repetiu uma vez mais.
- Em Wight, ilha no sul de Inglaterra.
- Como vim cá parar?
- Isso pergunto eu: como conseguistes chegar até aqui pelo céu?

- Essa é uma história para contar depois.

E preocupado:

- Alguém me viu cair aqui?
- Alguns viram um pássaro estranho, mas ninguém o viu senão eu.
- Vai-me entregar à Inquisição?

- Não sei de quem fala, mas só te entrego se quiseres e a quem quiseres - estranhamente e de forma intermitente tinha começado a tratá-lo por tu.

- É inglesa? E como se chama?

- Elizabeth, e você é Baltasar.

- Como sabe?

- Foste tu que mo disseste.

- Não me recordo.

- Recordo-me eu e não estou enganada.

- Se é inglesa, quem lhe ensinou a falar português?

- Essa é uma história que talvez te venha a contar.

Baltasar olhou-a uma vez mais e reconheceu-a. A pele branca, o cabelo loiro, a silhueta fina, era ela, a que o fizera entrar numa igreja e pedir a Deus que, pelo menos, uma vez na vida lhe desse a provar uma dessas inglesas que desembarcavam no porto de Lisboa; às vezes, tudo se vira ao contrário e finalmente se encaixa. Foi ele quem desembarcou vindo dos céus. Teria sido Deus a enviá-lo do alto para cumprir a sua parte do acordo: o homem pede e reza, Deus ouve, aceita e dá. Será? Eu continuo a achar que foi o acaso, hipoteticamente escrito nas linhas que tecem a vida e que já haviam desenhado um futuro destes. Isto são divagações próprias de quem está pensando por si. Baltasar limitou-se a rever o rosto que nunca vira da inglesa, o resto é da minha responsabilidade. Ainda é cedo para Baltasar pensar nesta inglesa, ainda é Blimunda quem lhe surge ao fechar os olhos.

Já todos sabem que Baltasar aqui vai ficar por nove anos. A recuperação deu-se, o corpo sarou e os pensamentos foram mudando. Baltasar, inicialmente, ainda tentou consertar a passarola, servindo-se da arte e do engenho adquiridos na prática, que nunca frequentou escola de engenharia mecânica nem de construção naval ou aérea, e tendo a seu lado Elizabeth que decidiu ajudar o homem que havia caído do céu, mas que não lhe parecia Deus nem um anjo, pois, se Deus fosse, não apresentaria nem debilidade física nem a queda lhe provocaria lesões corporais, e, se anjo caído fosse, não passaria de um pobre homem caído em desgraça, e tal seria, mas não no sentido literal, faltavam-lhe as asas e a ingenuidade de um ser assexuado. Baltasar passou também a ajudar a sua companheira de casa nas lides agrícolas, trabalhando a horta e alimentando os animais. Ninguém se aproximava da casa sem um motivo extraordinário, e, quando o faziam, inicialmente, estranhavam a presença daquele enganchado que não abria a boca. Os comentários correram os ouvidos dos habitantes de La Riche, porém ninguém se atrevia a questionar Elizabeth, o respeito era sagrado e ninguém sabia qual o alcance dos poderes desta mulher que os ajudava a eliminar males do corpo e do espírito sem nada lhes pedir em troca.

Aquele homem, a princípio visto como triste e acabrunhado, revelava-se um homem alegre e bem-

disposto, dizia “hello”, “good morning, afternoon ou evening”, e nada mais. Quando ia à vila, fazia-o na companhia dela. Tão raras vezes ela lá ia que alguns nem seriam capazes de o identificar numa fotografia, se fosse possível alguém tirar-lha e houvesse alguém à procura dele: “Conhece este homem?”, “Alguma vez viu este homem?”, mas isso são coisas de polícia e, na verdade, ninguém anda à procura dele, homem honesto e sincero, crente em Deus, embora haja gente que acha que ele e outros O quiseram suplantar e, se o identificassem (mesmo sem fotografia), deitar-lhe-iam a mão ao lombo, mão que atearia um fogo que lembraria pelo cheiro um porco no espeto, com o lombo e tudo mais a assar até ao osso. Baltasar depressa compreendeu a dificuldade de um projecto conservador, não era fácil conseguir vigas de ferro de confiança, não havia olhos de Blimunda para identificar defeitos e más formações, havia, agora, os de Elizabeth, mais bonitos, é certo, entre um cinzento brilhante e um azul claro luminoso, mas incapazes de iluminarem o que se escondia numa maciça estrutura. Foi remendando as tábuas, coseu as velas, levantou o mastro. Às esferas de âmbar manteve-as cobertas por farrapo velho e preto que Elizabeth lhe dera para ele substituir o tecido da vela caída que envolvera as vontades guardadas depois que ele se recompôs e pôde verificar onde a passarola estava. E viu-a coberta pela vela do mastro caído, o aparelho ainda mais escondido pelas copas das árvores que arrastara na descida e que o disfarçava de arbusto gigante. Realmente, tempos após o início do processo reparador, começou ele a dar-se conta de uma letargia que se apoderava de si assim que da passarola se aproximava. Tomava-o uma lassidão de membros,

superiores e inferiores, que o nauseavam a ponto de lhe tirarem a vontade de destapar as vontades que o fariam voar, quem sabe, outra vez para donde veio, para próximo do corpo de Blimunda, da vontade dela de tê-lo dentro do seu corpo. O que notava Baltasar no seu era uma estranha vontade, uma não conhecida até então, seria uma não-vontade, e por não-vontade se entenda na forma negativa uma vontade de não concretizar. Era, de facto, uma não-vontade, uma vontade de não querer o corpo solto e ondeador de Blimunda perto de si, simplesmente já não havia vontade de voar, nem pelos céus nem para Blimunda.

O campo de atracção da terra é um campo magnético, a gravidade amarra-nos à terra, ao solo. Em sonhos humanos, levitar, lançar-se de corpo pelo ar, pelo espaço, flutuar e dar passos que se multiplicam em leveza dão aos sonhadores um prazer enorme frustrado por um acordar que os amarra ao colchão da cama, impedindo-os de continuar acima deles próprios, de viverem acordados um sonho de prazer que transcende. Não, não fui eu que tive tal sonho, entidades ficcionais como a minha não sonham com o que sempre puderam fazer. Eu não sei o que é levitar, nunca tive os pés na terra, nem tão pouco tenho pés, pés como os dos homens, porque, na verdade, não só tenho pés e corpo como também anseios e desejos, o que não é desconhecido para ninguém, já confessei o desejo de me envolver com a narradora Snu e tenho a certeza que nestes nossos corpos imateriais se sentirá o ofegante prazer físico, o suor narrativo a sair dos poros das palavras que dissermos um ao outro, os gemidos de prazer ouvidos na escrita de uma interjeição que se prolonga ou se maiuscula. Se Baltasar desejar tirar os

pés do solo e começar a voar, essa sua vontade nada poderá contra uma lei da natureza que o obriga a ter os pés assentes na terra; se bater os braços, cansará ombros e arrisca-se ver o gancho voar para longe se não estiver bem preso ao coto que ficou da amputação; se desejar muito e muito pedir a Deus, Deus dir-lhe-á que sim, porém, e isto é muito estranho, fá-lo-á como Lúcifer fez a Fausto, exigindo-lhe a sua alma em troca: “Dá-me a tua alma, deixa o corpo no chão e voarás!”, diria Deus; se fizer como sabem tibetanos e budistas, principiará a meditar e daqui a uns anos atingirá o estado de nirvana e, então, levitará, sim, levitará, não, não levitará, isso é tudo um engano, levitará só na sua mente, na sua percepção do espaço, o corpo estará colado ao chão com os olhos fechados e sentindo o que não estaria, efectivamente, a acontecer. “Eu quero levitar, quero voar!”, gritam muitos homens. Nada a fazer, meus amigos, só não andais de rabo colado ao chão porque Deus vos deu dois pés e duas pernas, Deus ou a evolução. Nada se pode contra esta lei da natureza, contra esta e contra outras, ou outra em especial. Na verdade, nada podemos contra esta lei natural da atracção. Baltasar e Elizabeth sentiam-se atraídos um pelo outro. Por mais incrível que pareça, ela existiu, apesar das diferenças que imaginamos entre um e outro que os afastaria de interesse, mais de Elizabeth em Baltasar, menos de Baltasar em Elizabeth, e falamos da falta de interesse, não confundamos os mais e o menos, ali atrás o mais é para menos, o menos é para mais. Contra Baltasar pesa o facto de ter perto de cinquenta anos, ser maneta e desdentado. A favor dele estão o ser homem maduro, experimentado na vida, não era muito feio, era honesto e trabalhador. Contra Elizabeth aponta-

se o ser enigmática, independente e misteriosa. A favor de Elizabeth estão todas as características físicas já enunciadas e mais algumas que não se podem contar. Contar até posso, mas se tem imaginação pode nelas pensar, se não tem, de certeza que não está a ler o que eu estou a contar

Mas quem é que quer saber das características psicológicas? Eu próprio não me interessaria pela narradora Snu se ela não possuísse as características físicas narrativas que fazem dela Vénus, deusa do amor, ou amazona gentil de cabelos loiros e olhos verdes. Ainda estou para descobrir quem é que deparando com a honestidade de alguém lhe acrescenta uns seios cheios se eles não existem, quem na simpatia vê sempre olhos claros e uma boca bonita, a quem a experiência e a maturidade não fizeram cair as bochechas do rabo e se a flacidez não faz do tricípite um baloiço. Este é um raciocínio errado, pois é proveniente de uma sensibilidade masculina, eu sou um narrador que, normalmente, no universo dos homens com “h” minúsculo, no dicionário próprio do vocabulário testosterónico apresenta como definição “o mesmo que insensibilidade”. Elizabeth é mulher, tem tudo o que uma mulher deve ter, até a sensibilidade própria das mulheres, tem a capacidade de avaliar a beleza que está do outro lado do espelho, o eu escondido, o que não se vê à superfície da pele, nos olhos, nos lábios, no nariz, no cabelo, havendo-o. Elizabeth era uma jovem mulher de vinte e poucos anos, fugida da casa dos pais de perseguidores homens imbecilizados pela ignorância e pela absurda estupidez. A Elizabeth o tarado que lhe queria passear as mãos pelo corpo e abrigar o erecto ceptro que reinava na sua vontade no centro do corpo

dela não quebrara o ramo da virtude, intacto e florido, talvez com pétalas um pouco murchas, já seria altura da flor desabrochar. A ela as vontades chegaram com a naturalidade com que chegam a muitos nós. No momento da explosão hormonal e nos anos subsequentes, estranhamente Elizabeth não sentira ardores carnais, em momento algum sonhou com um beijo nos lábios. Dir-se-ia afastada do prazer, assexuada, não que se o desejasse o pudesse concretizar em solteira, jamais se atreveria a dar o corpo sem que Deus o unisse a outro homem numa cerimónia de matrimónio. Não tinha desejo nenhum, homem algum despertava febre de amor, não incandescia quando tratava um homem bonito ou punha as suas mãos no peito a quem sentia a cadência acelerada do coração e o peito musculado nas suas mãos. Em La Riche, a indiferença ao amor permaneceu, diríamos que ele era um pântano de prazer e desejo quieto, parado, estagnado, os vapores do prazer que lhe subiam até às narinas cheiravam a podre e ela afastava-os de si. A Elizabeth tudo parecia normal, nem se questionava sobre isto, quem se questiona sobre a falta que algo lhe faz se lhe não sente a falta? Assim era Elizabeth. Corrijo: assim fora Elizabeth. Desde a chegada de Baltasar que passou a ter sonhos. Alguns estarão já a pensar que não fará sentido que ela sonhe com o Baltasar sem mão esquerda e sem alguns dentes e já com o corpo decaindo no vigor. Tem razão. Sonhos não será a melhor palavra para definir o que de noite de olhos fechados sucedia a Elizabeth. Pesadelos também não será o apropriado nome. Chamar-lhe-emos pesadelos combinados ou ambíguos por envolverem dor e prazer. Tinha-se tornado recorrente ter Elizabeth um. Esse sonho

transportava-a para a noite da sua fuga. Elizabeth corria velozmente por entre árvores de uma densa floresta, atrás de si uma multidão de homens fazia chegar-lhe o bafo nojento das suas bocas de onde despontavam dentes caninos, as sombras das árvores pareciam crescer para si aumentadas pela luz que vinha dos archotes, havia homens que corriam como cães. Elizabeth, desesperada, anelava, mas a sua vontade e a sua força não lhe permitiam adiantar-se aos espectros que se aproximavam de si, e quanto mais se queria afastar menos ligeira era a sua passada, mais árvores se intrometiam no seu caminho, mais as mãos das sombras das chamas lhe pareciam tocar e, então, depois de olhar para trás, viu um corpo gigante composto por muitos corpos de homens e ao virar-se aparece já amarrada de frente a um tronco rugoso de uma árvore, o peito esmagado, o rosto virado para o lado esquerdo, a roupa desaparecera-lhe da parte de trás, e do canto do olho vê o corpo gigante de muitos homens feito, duas mãos grossas e grandes colam-se aos seus ombros, um pescoço articula-se para que os lábios lhe venham acariciar os cabelos e lançar-lhe um sussurro de prazer. Quando o corpo do gigante se encosta ao seu, ela grita, grita, berra, esperneia na sua cama. Baltasar ouviu-a, acordou, mas não estava disposto a ser mal interpretado se lhe aparecesse à frente, durante a noite. Deixou-se ficar ali. Ela ainda berrava, o berro foi diminuindo, passou a ser só um gemido, e depois um berro altíssimo e o acordar, o tronco direito, as pernas e o rabo na horizontal, os olhos abertos, a boca fechada depois de um sonoro grito se ter soltado desde o outro lado do consciente. Estranho, pensava Elizabeth, uma coisa deliciosamente horrível lhe acontecera no final do

sonho: o corpo do gigante de muitos corpos foi afastado por um outro de dimensão humana, corpo de um homem só, a mesma cã que seu pai. Estará espantado o leitor por Elizabeth, de costas, ter visto a transformação corporal, eu direi que só é incrédulo quem ainda de não deu conta de que o sonhador é o próprio narrador do sonho, que se vê a si próprio actuando como se fosse outro. O corpo era o de um homem maduro da idade do seu pai, o rosto não era o mesmo, aliás, não tinha rosto, os dentes não viu, viu só o ódio no olhar e a força de um braço direito que arrancou o gigante que lhe sussurrava ao ouvido e se colou ele ao seu corpo como se fosse um fato de metal que a impedisso de sentir as pancadas fortes do braço mastodôntico, as pedras, as tochas atiradas para si, tudo aplacado pelo corpo desse homem de meia-idade que havia fundido a sua cabeça na dela, o seu crânio envovia o dela, os seus cérebros estavam misturados, eram um só, e este homem de idade sussurrava-lhe isto: "Ninguém te tocará. Tu és intocável. Nenhuma pedra te atingirá. Tu és inatingível. Nenhum fogo te queimarás. No inferno arderão eles!" E logo um frio de metal que se iniciou na sua mão esquerda se foi alastrando pelo seu corpo, aliviando-a do abrasamento que sonhava sentir e o berro aconteceu quando uma flecha principiou a entrar em lentidão onírica na nuca desse homem, a barreira entre ela e os outros. Este estranho sonho agitara em si adormecidos sentimentos, mais agitação do que a agitação nocturna provocada pelo sonho relatado. O corpo de Elizabeth perdera firmeza na imperturbabilidade, os olhos remexiam-se quando, com prazer inesperado, pensava na dor da crucificação. Com Baltasar ao alcance do seu olhar, reconhecia-lhe, inconscientemente, no rosto e no corpo a

maturidade e a segurança de seu pai e desejava abrir-lhe um sorriso se Baltasar a pusesse no seu colo e a embalasse, e a mão pelo cabelo passeasse, seguindo para o rosto em caminhadas errantes e imprevisíveis.

Há dois aspectos nesta situação amorosa, dois que são um só e o mesmo, difíceis de explicar. Como é que um homem tão apaixonado por uma mulher, Blimunda, se apaixona por outra, mesmo que mais nova? Provavelmente, nunca Baltasar esteve apaixonado por ela; talvez esse amor fosse consequência de um feitiço lançado por Sebastiana e Blimunda, desta forma se explicando o inexplicável amor que sentiu, sempre pronto a apagar o fogo que ela ateasse nos seus corpos, unido ele a ela por uma cumplicidade e uma intensidade a que nenhum escritor romântico aspirara sequer a incluir nos seus romances; talvez tudo se repita, a vida é feita de ciclos que se repetem, olhem para a natureza e pensem nela, o que já floriu volta a florir, o que já se apaixonou por uma mulher de poderes mágicos por uma mulher de poderes idênticos se volta a apaixonar, como qualquer um de nós: apaixonamo-nos por uma mulher meiga, por outra meiga nos apaixonaremos; apaixonamo-nos por uma mulher controladora e possessiva, naturalmente teremos outra igual. Se isto não chega, consultem um psicanalista duas vezes por mês e daqui a cinco anos podem vir a descobrir o que justifica esta paixão de Baltasar, embora a mim tudo pareça naturalmente animal e não haja nada a explicar. Já a paixão de Elizabeth me parece mais difícil de explicar. Se já está a pensar na psicoterapia, acrescente mais dez anos às consultas e peça ao analista que lhe explique a paixão de uma mulher mais nova por um homem mais velho. Seria facilmente explicável,

conhecendo a natureza materialista de algumas mulheres, se Baltasar fosse homem rico, mas não é o caso, e se Elizabeth fosse como algumas, mas não é. Apesar de ter caído do céu, não traz ouro nem materiais preciosos nem graças espirituais que façam dele um anjo vindo à terra com as riquezas que proporcionam o céu, e todos nós sabemos que a mulher prefere o diabo quente com chifres e tridente de ouro do que santo de pau oco que nem para aquecer serve. Não me cabe explicar o que só entendidos poderão explicar, e por entendidos não falo de amantes apaixonados, que são os maiores ignorantes das suas paixões. Por entendidos falo de neurocientistas do amor e psicoterapeutas, separados e em desunião de facto, são só amigos, um procurando vagamente auxílio no outro, mas não há cientista que faça psicanálise para provar científicamente um acontecimento e nem há psicanalistas que consigam provar científicamente a verdade inquestionável e conclusiva da psicanálise.

E assim acabou o mistério, aquele que o leitor desatento nunca terá visto espreitar nas páginas finais do “Memorial do Convento”. Nove anos andou Blimunda procurando o seu amado, nove anos caminhou por caminhos estreitos e apertados; nove anos andou Baltasar apertando Elizabeth numa cama estreita; nove anos passou Blimunda comendo restos de comida que lhe davam, às vezes disputando a comida dos porcos; nove anos de mesa posta e pão que nunca faltava, de peixe que alimentava desejos de carne, que os outros andavam sempre satisfeitos, não fosse Baltasar o amante perfeito, anteriormente de Blimunda, agora de Elizabeth, ela que não era amante perfeita, já que, ao contrário de Blimunda, tem escusas que a outra nunca

teve, mas nem nessas alturas se lembrava ele do corpo reactivo de Blimunda, ela já nem existia numa vaga lembrança.

VIII

Baltasar não é homem de muita sorte, conquanto não se possa imaginar melhor sorte para um homem amputado com cabelos grisalhos e falho de dentes do que poder deitar-se com a mulher dos seus sonhos de há vinte anos, tendo ela ainda a idade do avistamento inicial. A vida nunca lhe foi fácil, mas a felicidade instalara-se na sua vida desde que começara a comer da mesma malga com a mesma colher que Blimunda usara. A vida pacífica de bem-estar instalada completar-se-ia no trabalho a dois na passarola, o engenho que muito os aproximou, e que, ironicamente, os afastou, levando Baltasar para longe. Esta mesma passarola caída e abandonada acabará com a nova felicidade do futuro queimado vivo, felicidade feita da paixão amorosa e cúmplice que mantinha com Elizabeth, servindo-a com o seu amor e o seu corpo, contribuindo com o trabalho braçal no cultivo da horta que ajudara a criar, no cuidado acurado que punha na criação das aves de capoeira, na atenção que punha na recolha das ervas milagrosas que Elizabeth lhe ensinara a reconhecer, no cuidado com que a auxiliava na preparação de ungamentos e de poções milagrosas. Andava Baltasar olhando o engenho, admiravelmente bem conservado naquele ambiente húmido, quando decidiu pousar a mão direita nas velas que remendara. O sol espreitava por entre os castelos de nuvens que se iam afastando. Baltasar destapou uma das esferas de âmbar, observou o

seu interior. Tinha visto pequenos insectos numa pequena bolha de âmbar numa pedra que Elizabeth tinha encontrado no povoado e decidiu ver se as vontades já estariam fossilizadas e qual o aspecto que assumiriam. Seriam esqueletos petrificados que encontraria? Nuvens negras fechadas da cor da terra da sepultura? Estariam espalmadas como se o rolo compressor do tempo lhes passasse por cima? Com o gancho afastou lentamente o pano que a cobria e ali ficou a olhar, queria encontrar uma resposta às questões que colocara. O espaço continuava em branco, havia perguntas, mas não havia respostas, a mesma cor de amarelo queimado transparecendo naturalmente. Poderia ter acontecido que as vontades tivessem deixado de ser e se tivessem evaporado ou subido aos céus. Estava Baltasar nesta observação e não se deu conta de um raio de sol que atravessou as folhas verdes das árvores que tapavam o aparelho voador. O âmbar clareou, Baltasar pensou que estava prestes a ver a resposta, e assim foi, ele viu, não a resposta às suas perguntas, mas a uma que ele não fez: estarão as vontades ainda com vontade? O aparelho vibrou, girou sobre si, o lençol que o cobria escorregou e foi enegrecer o chão, um outro raio mergulhou na esfera, Baltasar agarrou-se ao mastro e viu-se erguer no ar de novo, agarrado à vida que escaparia se caísse, separado da terra que se afastava de si, e foi subindo, subindo, e avançando, vendo os ilhas tornarem-se pontos finais e ele deus no alto sem poder algum, sem ser capaz de pedir aos anjos do céu que o levassem de volta ao anjo de olhos azuis-acinzentados e cabelo claro de que se separaria para sempre. O sol encheu o céu, a passarola aumentou a velocidade e Baltasar deixou-se cair. As

horas passaram-se da mesma maneira de quando para lá foi. A Baltasar restava esperar o fim do dia e fazer o que já fizera. Não vale a pena repetir as peripécias aéreas, foram praticamente as mesmas e Baltasar acabou finalmente por aterrar no local mais santarrão de Portugal: Braga.

IX

Braga, Paço Arquiepiscopal, centro da cidade, a 28 de Setembro de 1739, vinte e uma horas e três minutos.

Missiva dirigida ao Patriarca e Inquisidor-Mor de Lisboa, Dom José Manuel da Câmara de Atalaia.

Exmo. Juiz do Supremo Tribunal da Inquisição de Lisboa,

venho por este meio falar a vossa Excelência de acontecimento ocorrido há poucas horas e que abalou os alicerces, não das nossas convicções, que essas têm raízes mais fundas que um carvalho secular, do nosso paço arquiepiscopal. Estando todos os irmãos reunidos à volta da mesa, finalizando um jantar austero, com viúvas e fidalguinhos, que aqui há gostos para tudo, ofertados por nossas irmãs generosas do “Sagrado coração de Maria”, delícias postas ao nosso dispor de quando em vez para iludir um estômago carente, mas agradecido por consagrar a Deus o sacrifício de não as comermos com muita frequência, um estrondo ruidoso, muito ruidoso, semelhante, porventura, ao que se ouvirá no final dos tempos, parecia um apocalipse, não no espectáculo de fogo e destruição, só no som produzido, nos deixou de olhos arregalados e espanto assustado. Estava eu ainda a saborear uma dessas viúvas quando o

edifício estremeceu (“duas imagens, uma de S. Vicente e outra de S. Paulo, com o susto, saltaram do pedestal e foram perder a cabeça no chão”) e, depois de verificarmos que a terra se não abrira e não havia nenhum buraco pronto a engolir-nos, hipotético castigo por ousarmos comer, muito esporadicamente, as delícias das nossas irmãs freiras, saímos correndo para os jardins e, para nosso espanto, vimos algo semelhante a um pássaro gigante, porventura mais próximo de uma galinha ou galinhola gigante depois de uma das senhoras que nos serve lhe ter passado a faca pelo pescoço. Vendo aquele frango de madeira de cabeça perdida entre as flores do jardim danificado e penas castanhas espalhadas por todo o espaço circundante, não pensei noutra coisa que não fosse Belzebu ter vindo até nós com um exército de demónios galináceos para nos fazer guerra e derrotar os peões mais leais em defender o castelo da moral e da doutrina que Deus semeou por nossa mão por todo o mundo. Quando já me preparava para dar a ordem a todos que desembainhassem os seus crucifixos para expulsar o Demo penugento, vi na enorme mortalha que se estende no chão não um exército de capoeira demoníaca pronto a sair desse além-mundo onde ainda se escondiam, mas só um corpo humano, de cabeça destapada, e, então, pus-me a somar: engenho voador em forma de galinha mais vela que parece mortalha gigante mais homem desmaiado dá explicação. Eu sei que lá vão uns anos, mas da memória tenho cuidado eu, comendo nozes e amêndoas e criando compêndios de palavras cruzadas, acções estas que me avivaram o que dela nunca saiu: Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão. Acercando-me da figura de tal homem, puxo a mortalha que fora vela

para trás e vejo no corpo vestes de gentio, nada condizentes com as eclesiásticas que o jesuíta voador usara em tempos, havendo a possibilidade de ele vir disfarçado de popular para não ser identificado. Olhei para o seu rosto, vi a carne da bochecha espreitar por entre o sangue que escorria, vi restos de pele enrolados e salpicados de terra e areias finas, o cabelo desconjuntado e raro longe da testa, deixando entrever o vapor do pó que solidificara nas linhas que se haviam desenhado por acção da passagem do tempo no rosto. Não me fora difícil não identificar aquele homem como sendo o Padre Bartolomeu, clérigo que conheci e de quem guardo inteira a imagem. Se dúvidas tivesse, elas limparam-se no momento em que os meus olhos encontraram uma mão diferente. Em vez da esquerda, havia um gancho de metal.

O homem está agora numa das nossas celas. Está ainda inanimado, mas há-de recuperar. Dei ordens para recolher os restos da galinhola de madeira que caiu em nossos jardins. Aguardo as indicações de Vossa Excelência sobre a forma de tratar estes restos de engenho demoníaco que caíram do céu e como proceder relativamente a este maneta que conduzia, penso eu, esta nau da perdição ou da salvação, perdição será, se Deus quisesse que ele voasse, tinha-lhe dado umas asas e essas, sinceramente, não vi em lado nenhum, nem nas suas costas nem junto aos restos da embarcação aérea.

Respeitosamente, com a graça de Deus,

Pelo Cabido da Sé de Braga, Cónego Manuel
Correia da Silva

Epílogo

Escusado será enunciar o processo que levou Baltasar ao “queimódromo” de Lisboa. Foi condenado por desafiar Deus e a sua autoridade, tentando suplantar o Próprio com uma mais do que óbvia aliança com o anjo maldito que caiu do céu, semelhança esta de cair que mais o irmanava ao suposto protector. Pareceria assisado terminar por aqui, nada mais há a contar. O final já o conhecemos. É verdade, já o conhecemos, só que não conhecemos o que, afinal, aconteceu depois do final.

Blimunda ouve uma voz que lhe sugere que nada coma pela manhã e se mantenha em jejum, apesar de vinte e quatro horas terem já passado desde que o último pedaço de alimento havia transposto a garganta e se alojara no seu estômago. Era a sétima vez que por ali passava e, guiada por uma voz que nunca tinha ouvido antes, a vontade própria das suas perninhas levou-a a realizar o mesmo caminho de há vinte e oito anos que não esqueceu, um mapa mental e uma intuição encaminharam-lhe o corpo, mas, se a visão a atraíçoasse e a confusão se instalasse no seu sentido de orientação, mais não teria que seguir o cheiro que o seu nariz captava: o cheiro a carne de porco assada na brasa. Chegou ao Rossio e, depois de ver o barbudo maneta, recolheu-lhe a vontade e levou-a para casa, sentindo em si a paz e o descanso de quem terminou a demanda do

Santo Graal e o sangue de Cristo se unira ao seu nas suas veias sem ter precisado de o ingerir.

A casa chegou Blimunda, afastada dela nove anos de procura bem-sucedida, ou parcialmente, não trouxera inteiro o seu homem, ficara-lhe só com a vontade que era dela e de mais ninguém. O corpo ficou na terra, a alma já teria chegado ao paraíso, o merecido local para onde vão os bons e os bondosos, os homens de bem, os que servem Deus, mesmo que O pareçam desafiar, porque desafio a Ele nunca houve, apenas é entendido como desafio por aqueles que supostamente O representam e vêm na Ciência e no progresso ameaças ao poder que detêm em nome de Deus. Ao entrar, foi recebida pelos novos inquilinos que se assustaram com a presença da senhoria, inesperada e inconveniente, nove anos viveram sem pagar renda e sem incômodos à sua privacidade. Blimunda afastou uma teia de aranha e destruiu o lar de um aracnídeo que esperava mais uma mosca imprudente para o seu jantar, ainda se esta gigante ficasse presa na sua teia, isso, sim, seria festim tal que duraria meses ou anos, se resistisse à gula desenfreada e não acabasse por morrer por contrair uma doença que só aflige realeza, nobreza e clero: “magna glutonaria”. As ratazanas correram para debaixo dos móveis de madeira podre e perturaram o banquete de carcomas, carunchos e gorgulhos. Duas delas apoiaram-se nas patas traseiras e pareciam esfregar as dianteiras em sinal de contentamento: viam um saco enorme de cereais e já salivavam com a lagosta e o caviar dos roedores comuns que se movia à sua frente. Outros que pareciam contentes davam saltos, pulavam, um alvoroço de excitação: “Mulher! É mulher e tem cabelos longos!” Da vontade de Baltasar ninguém

sentiu a presença, nem estes seres, que, normalmente, sentem mais do que vêem, pressentiram aquilo que nenhum olhar humano veria no interior do peito de Blimunda. Ela chegou-se à lareira, duas canhotas derramavam um amarelo escuro do seu interior, seiva podre de uma matéria em decomposição há muitos anos, olhou a panela da sopa, preta ainda mais preta, ao lado da trempe uma malga coberta de musgo seco e fungos, uma colher enterrada nesta matéria húmida e pegajosa que quase a enchia. Blimunda pegou nela e sacudiu-lhe o pó, encostou-a à sua roupa e esfregou-a, libertando-a do que nela estava a mais, raspou-a um pouco mais com os dedos, ficando apenas o metálico opaco visível, com uma ou outra pinta de verdete que se entranhara na sua estrutura. A vela que acendera denunciava o pavio curto e anunciava o fim da pouca luminosidade que ainda permitia a Blimunda não ser envolvida pela escuridão total que dela se aproximava. Encostou a colher ao seu peito, parecia com ela querer ligar o fora ao dentro, o agora ao há vinte e oito anos atrás, fechando, completando ou continuando um ciclo que se interrompera por uma vontade desconhecida, de si e de Baltasar, que nunca, desde que se conheceram, tiveram vontade de se afastarem. Com a colher assim cingida, penetrou na divisão do descanso e do amor. Pousou a vela que ia morrendo e deitou-se, adormecendo com a fome de quem nada comera e enfartada e satisfeita por ter dentro de si o alimento que dá a vida às almas, neste caso, à sua, grande e cheia. Com a colher pousada nos lábios, sonhava Blimunda voar com Baltasar pelos céus, ela e ele unidos pelas mãos e pelas asas que lhes cresceram, sonhava passearem pelo Monte Junto e via-se na passarola a

amarem-se como sempre faziam, de corpo e alma, na fusão mais perfeita que um livro pode permitir a um amor pleno. De repente, o corpo de Blimunda retorceu-se, ela virou-se bruscamente na esteira, a colher caiu e afastou-se dela, viajando para baixo de um móvel e desaparecendo na escuridão. Deitou as mãos à barriga e num só movimento levantou o tronco, as pernas ficaram de lado, o rabo assente no chão. Parecia ter um fogo dentro do seu corpo que a ia queimando, berrava Blimunda e agoniava no chão. À sua boca veio um ácido gosto e um vômito esverdeado manchou o lábio inferior e os dentes que ainda lhe restavam. As pernas não paravam, arrastando-se no chão sujo de um lado para o outro, até que ficou imóvel, as mãos no peito que ganhava uma estranha luz que clareava a escuridão da habitação. Uma bola de fogo tentava sair do seu corpo e, à medida que se iluminava corpo e casa, mais Blimunda gritava. Por fim, deu-se uma explosão visceral. Pedaços de pulmões, fígado, rins, intestino, pâncreas espalharam-se para o banquete de rastejantes e insectos, o sangue vermelho também aparecera à boca de Blimunda e, acima do que dela restava, a incendiada vontade de Baltasar preparava-se para mais uma viagem até à ilha de Wight. Atravessaria o Canal da Mancha, sobrevoaria as “Needles” e aterraria num quarto limpo onde o esperaria uma outra vontade de o ter, mais nova e mais loira, mais desejada que a de Blimunda.